

Preservar o meio ambiente é preservar a continuidade da nossa história através das novas gerações, é preservar também os saberes e fazeres de comunidades, é garantir a sobrevivência de famílias inteiras que dependem da natureza para existir. São ensinamentos que reforçamos diariamente no Projeto Rede Solidária de Mulheres de Sergipe, realizado pela Associação das Catadoras de Mangaba de Indiaroba (Ascamai), em parceria com a Petrobras e com o apoio da Universidade Federal de Sergipe (UFS).

Cada vez mais estamos sentindo os impactos das mudanças climáticas causadas pelos seres humanos e o uso predatório da terra. O desejo pelo lucro é maior do que o desejo pela manutenção da

saúde do nosso planeta e de todos nós. Ações como o desmatamento, as mudanças do uso do solo e a agropecuária industrial aceleram os efeitos de degradação no campo e na cidade.

No campo, presenciamos a extinção de algumas culturas de plantio para dar lugar a monoculturas como a cana e a soja. Percebemos que é cada vez mais difícil que pequenos produtores da agricultura familiar sobrevivam da comercialização de seus alimentos livres de agrotóxicos e outros venenos. Nos deparamos com a salinização do solo e das águas e um acelerado processo de desertificação, prejudicando a sobrevivência da biodiversidade e de comunidades extrativistas.



Realização



Apoio



Parceria



Parceria



Mudanças
climáticas e
seus impactos
no campo e
na cidade

Na cidade, somos constantemente informados de catástrofes ambientais, que destroem municípios inteiros e os sonhos de seus habitantes. Somos assolados pela intensificação de ondas de calor, deslizamento de encostas, aumento do nível do mar, proliferação de insetos transmissores de malária e dengue e aumento da mortalidade por doenças cardíacas e respiratórias.

Podemos perceber que as mudanças climáticas nos afetam diretamente, inclusive, ameaçam nossas vidas no tempo presente. Os efeitos não serão apenas sentidos daqui a cinquenta ou cem anos, estamos cara a cara com o problema nos dias de hoje. As comunidades tradicionais extrativistas, ribeirinhas, quilombolas e agricultoras nos ensinam que o respeito à natureza garante a nossa sobrevivência, que precisamos reivindicar a preservação de forma constante e coletiva, que a perpetuação da nossa história depende da nossa luta.



Preservar para sobreviver

Existem algumas formas individuais e coletivas de práticas para a preservação ambiental. No projeto, por exemplo, a realização das oficinas de Agroecologia tendem a contribuir de forma positiva para a proteção dos territórios, pois resgata métodos e práticas do saber-fazer ancestral. Práticas estas, utilizadas para a produção de alimentos, como também para a produção e uso de plantas medicinais, além do reconhecimento dos produtos da sociobiodiversidade que identificam esses territórios.

Além disso, as práticas coletivas a partir das oficinas e dos encontros agroecológicos possibilitam ainda, a sensibilização das mulheres em relação aos cuidados com a saúde, a segurança e a soberania alimentar, a preservação da natureza e o desenvolvimento sustentável dos seus territórios. Para além da reflexão individual e coletiva sobre as ações e os impactos no ambiente atualmente, é necessário adotar algumas práticas e legislação efetiva para preservá-lo para que as gerações futuras possam vivenciar toda a riqueza da nossa biodiversidade.



Precisamos refletir sobre o aumento do consumo de alimentos ultraprocessados: o acesso aos alimentos saudáveis está cada vez mais escasso, as famílias do campo e da cidade estão sendo compulsoriamente levadas a adquirir produtos que prejudicam a saúde de toda uma população. A nossa luta é pela garantia da segurança e da soberania alimentar!

O uso da água na agricultura é crucial para que a colheita seja feita, mas enfrentamos problemas de pouco acesso e muito desperdício. O maior uso da água disponível em nosso país é feito pela agroindústria, consequentemente o maior desperdício dela. Soma-se a isso o descarte de materiais poluentes nos rios e mares, dificultando ainda mais o acesso a esse recurso fundamental para a nossa existência. Acesso à água é um direito de todas nós: nem todas as pessoas possuem acesso à água potável, não contam com água encanada em suas casas, não possuem reservatórios de água ou saneamento básico.

O maior uso da água disponível em nosso país é feito pela agroindústria, consequentemente o maior desperdício dela. Soma-se a isso o descarte de materiais poluentes nos rios e mares, dificultando ainda mais o acesso a esse recurso fundamental para a nossa existência.

Precisamos fortalecer a agricultura familiar e a manutenção dos saberes ancestrais: produzir alimentos através de práticas e manejo agroecológico, evitando a degradação do solo e dos recursos naturais; implantar sistemas agroflorestais, criando áreas de preservação e plantar árvores em espaços públicos e privados são atitudes possíveis quando há interesse público e social. A reprodução dos saberes de quem aprendeu com a terra sobre viver e sobreviver é um caminho a ser seguido.

Estes são apenas alguns exemplos de reflexões que podemos fazer sobre as causas e efeitos da degradação ambiental. Sempre tendo como norte a luta coletiva para a transformação da nossa realidade e da preservação da vida do nosso planeta.

A natureza somos nós e nós somos a natureza

